

Think thanks com Victor Marques da Costa; fragmentos, teoria e política

Recebido em 24-04-2014

Aceito para publicação em 25-06-2014

135

Eduardo Victor Viga Beniacar¹

Este ensaio foi inicialmente apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Teorias da Subjetividade e Identidade Política, ministrada pelo Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho, no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF). Aqui, discutimos temas contemporâneos do cenário político-social brasileiro em interlocução com trechos do romance *Tão longo amor tão curta a vida*, do escritor português Helder Macedo.

Marco civil, hegemonia e a suprema arte da ambigüidade criativa

“Com discreta sabedoria profissional, exerceu a suprema arte diplomática da ambigüidade criativa demonstrando que as conclusões irreconciliáveis até então definidas poderiam ser reformuladas como objetivos partilhados. Em suma, todos tinham razão. As ações específicas teriam em todo caso de ser decididas pelas partes eventualmente intervenientes consoante a evolução dos acontecimentos. O importante, por ora, era chegarem a uma posição consensual sobre a generalidade dos princípios”.

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ciência Política do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: vigabeniocar8@gmail.com

Liberdade, Neutralidade e Privacidade. Nos últimos meses, *os princípios* do Marco Civil da Internet, que tramita no Congresso Nacional há mais de três anos, deixaram o posto de technicalidades e ganharam estatura de um debate político legislativo ao mesmo tempo amplo e com pautas claras. Considerado por muitos como uma Constituição da Internet, o PL 2126/2011, relatado pelo deputado federal Alessandro Molon, ganhou espaço importante nos debates nas pequenas e grandes mídias – nessa ordem – ainda que afetasse diretamente os interesses das teles.

Da Stasi a CIA. É certo afirmar que o Marco Civil da Internet ganhou contornos de centralidade para o Palácio do Planalto quando do surgimento das graves acusações de espionagem denunciadas por Edward Snowden contra o Departamento de Estado Norte Americano. Sob a alegação de combate ao terrorismo, desvendou-se, primeiro, a espionagem sobre a Petrobras. E então a presidenta Dilma. Os mais exaltados e apressados puseram a culpa nos *incompetentes petralhas* da ABIN. “Mas que o *Herr Doktor* não se inquietasse, em breve nem pensaria nisso, era uma medida profilática democraticamente aplicada”. E logo se desvelaram os grampos sobre os chefes de estado da Alemanha, da França e da Itália. Não exatamente “a coletivização da privacidade”, apenas a sua estatização, em nível global, promovida por alguns estados unidos.

A privacidade dos principais chefes de estado do planeta fora violada pela Casa Branca para obtenção de vantagens econômicas em rodadas comerciais. As vésperas do leilão do campo petrolífero de Libra, até agora o mais importante do Pré-Sal, a presidenta Dilma cancelou visita a Washington. Francois Hollande exigiu dos norte-americanos o fim da espionagem contra a União Européia. Angela Merkel telefonou de seu celular para Barack Obama e perguntou se o aparelho em suas mãos estaria grampeado.

Após ser recebido pela presidenta Dilma no Planalto, Alessandro Molon foi capaz de acelerar a tramitação do projeto de criação do Marco Civil da Internet na Câmara dos Deputados. Até que o PMDB da câmara baixa se desagradou com a reforma ministerial. Insatisfeitos com o reduzido espaço no governo Dilma, a liderança do partido na casa se mobilizou na formação de um “blocão” de parlamentares governistas para votar independente da orientação do governo. Eduardo Cunha liderou a pressão das teles sobre o Congresso para evitar a aprovação da neutralidade da rede, em especial, e do Marco Civil como um todo. Aliado as

claras violações a soberania nacional e a privacidade individual, a oposição das forças fisiológicas e conservadoras do interior do próprio governo reagiram com a direção moral suprema no seio da sociedade civil organizada – inclusive nas redes - pela aprovação do Marco Civil na Internet. A grande mídia centrava fogo nas negociações entre o governo e ‘bloco’, insinuando que a presidência poderia ser derrotada por sua base corrupta e fisiológica, mas não sabia como formular uma posição defensável ao lado do PMDB. A oposição parlamentar perdera sua capacidade de protagonismo contra o projeto governista, e aparecia na margem do debate num silêncio esperançoso da vitória dos rebelados, que só poderiam derrotar o Planalto com os valiosos votos do PSDB, DEM e PPS. O PMDB da Câmara reuniu-se sob a batuta de Eduardo Cunha e declarou independência do governo, enquanto Dilma se reunia com as lideranças do PMDB no Senado para resolver a crise com o PMDB da Câmara a revelia do PMDB da Câmara. O bloco ruiu, o PMDB recuou da queda de braço e o Marco Civil, após ser duramente combatido, fora aprovado com o voto contrário do PPS, que insistira na primeira tese oposicionista que entendia o Marco Civil como um ataque de um governo totalitário para espionar os usuários da rede.

Um requerimento de urgência foi enviado ao Senado Federal, para que a Câmara Alta aprovasse o texto na íntegra e evitasse o seu retorno para a apreciação da gigantesca e instável maioria governista na Câmara dos Deputados. Tucanos e Democratas enfileiraram-se para obstruir a votação em caráter de urgência. Alegou-se que a Comissão de Meio Ambiente ainda não havia entregado seu parecer. Apresentou-se uma emenda para retirar redundâncias do texto. O senador Aécio subiu a tribuna para dizer-se a favor do Marco Civil, mas que o Senado deveria cumprir seu papel de analisar a matéria. Agripino Maia, do DEM, disse que defendia a neutralidade na rede enquanto defendia a venda de pacotes diferenciados para modalidades de uso. Atropeladas todas as obstruções oposicionistas, o projeto foi à votação. O líder do PSDB do Senado subiu a tribuna para orientar o voto de sua bancada. Lamentou a pressa do governo na votação como manobra eleitoreira e que o artigo décimo, em seu parágrafo terceiro, abria espaço para que os governos espionassem todos os brasileiros conectados a rede, mas que se tratava de um excelente projeto, e que orientava sua bancada a aprová-lo.

“Mas tudo isso aconteceu, acredite ou não. Na minha profissão são coisas que acontecem. Encontrei-me numa situação difícil, que tive de negociar com cautela. Tive que fingir aceitar o que não podia evitar. Dizer que faria o que não podia fazer. Ao mesmo tempo a evitar possíveis implicações políticas. Nisso valeu-me o treino profissional”.

“Somos todos a mesma gente. As vezes no seu reverso”

“Os militares prenderam o seu avô antes de você nascer. Acusado de subversão. Tinha ajudado outros fugir. Ele não tinha feito nada, só ajudou. Era um homem religioso. Um homem bom. Ajudava os perseguidos. Também tinha ajudado os judeus a virem para o Brasil durante a guerra. Antes de haver Israel e Palestina. Ou o muro de Berlim. Porque é tudo a mesma gente. Certamente foi torturado. Foi um dos desaparecidos. ’

‘A minha mãe era da Stasi’, disse Lenia Nachtigal sem precisar de mais.

Depois de um longo silêncio, Almir Benamor repetiu:

‘Somos todos a mesma gente.’ E acrescentou: ‘As vezes no seu reverso’.

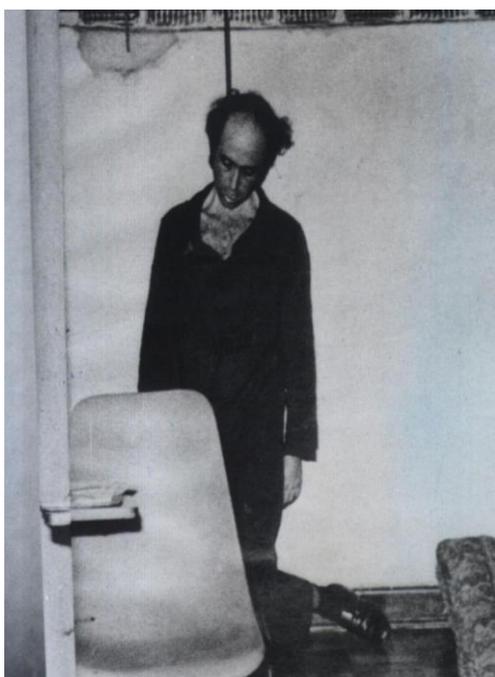
‘E minha mãe? Conta papai.’”

Tudo indicava que se tratava de apenas mais uma dessas mortes de um jovem negro favelado no Rio de Janeiro para as estatísticas desmemoriadas do Instituto de Segurança Pública, como foi a do jovem que horas depois levou um tiro na cabeça durante o protesto pela morte de Douglas Rafael (como era mesmo o nome do outro jovem?). Mas a invisibilidade do caso corriqueiro fora rompida, não apenas pela manifestação incendiária no limite entre o morro e o asfalto, exatamente como a que ocorreu em função da morte de outro jovem negro e favelado no final de semana, na favela do Caramujo, em Niterói (mas como era mesmo o nome deste outro jovem?). O cerco da invisibilidade fora rompido quando se descobriu que Douglas era ‘DG’, um pouco conhecido dançarino do Programa Esquenta, da Rede Globo.

Soubemos, então, que DG havia sido morto durante uma operação promovida por policias da Unidade de Polícia Pacificadora do Pavão-Pavãozinho, em Copacabana. Operação que, na noite anterior, terminara sem nenhum morto. No dia seguinte, o morro desceu e não foi carnaval. Nas palavras premonitórias de Wilson das Neves: “na entrada rajada de fogos pra quem nunca viu/vai ser de escopeta, metralha, granada e fuzil (é a guerra civil)”. A cobertura da Rede Globo, ao vivo, dava conta de uma grande tensão em Copacabana, o comércio fechando e os moradores estavam assustados. A favela descera porque DG, o dançarino, “morreu por queda”. Era versão oficial da Polícia Civil, e como o jornalista da Globo transmitia ao público a causa da morte de seu colega de trabalho. “A mesma gente, às vezes no inverso”.

“E minha mãe? Conta papai.”

A mãe esbaforida negava categoricamente a versão oficial. Fora impedida de ver o corpo de seu filho por mais de doze horas. O encontrou perfurado, sangrando, com escoriações por todos os lados, em marca de botas. Em posição de defesa. O laudo Instituto Médico Legal encontrou uma perfuração de projétil. O laudo preliminar da Polícia Civil talvez entre para história como o laudo de suicídio de Vladimir Herzog.



Herzog - Laudo: suicídio.



DG - Laudo: morte por queda.

Portanto, seja no caso da origem da rebelião, seja na origem do estado, encontramos no início o medo (*feare*) e, no fim, como resultado, a sujeição ou reverência (*awe*). 'No meio, a ficção, que se impõe àqueles que a criaram como uma realidade: 'Esta é a fundação daquele grande Leviatã, ou melhor, para falar com mais reverência, daquele Deus mortal a quem, abaixo do Deus imortal, somos devedores de nossa paz e defesa' (Ginzburg, 2008).

A secretaria de segurança pública do estado recolheu as armas de todos os PMs que participaram da operação no Pavão-Pavãozinho para perícia. Um inquérito está aberto para apurar quem foi o responsável pela morte de DG. Para quem ainda tem dúvidas sobre o que realmente ocorreu, o curta-metragem "Made In Brazil" talvez seja revelador: (<https://www.youtube.com/watch?v=erWFcpWLW0g>). "As causas da morte ainda não foram determinadas. As averiguações continuam".

Teleologia, história e memória: inconclusos autores em cena

"No fim do último ato, quando os gradualmente rejuvenescidos amantes do passado ainda não sabiam o que o público tinha sabido, nos atos anteriores, do que lhes iria acontecer no futuro, ficou um momento a meditar nos possíveis ensinamentos da peça para si. A partir de qual futuro poderia ele próprio vir um dia a contar o seu passado. E, portanto que a História, aquilo que depois vem a ser a História, nunca é o que está a acontecer enquanto acontece, mas o que depois se percebe ter acontecido, mesmo que não tenha sido bem assim".

O romance 'Tão longo amor tão curta a vida', do escrito português Helder Macedo, pode ser entendido, analisado e criticado por inúmeros aspectos. No campo das artes, por exemplo, poderíamos ter aprofundado a relação entre a trama descrita por Victor Marques da Costa e as diversas óperas presentes no livro, que dialogam diretamente com o desenrolar do thriller. No campo da psicanálise, as frentes de debates parecem inesgotáveis: a lei, o muro de Berlim, a ausência de Lenia, o pai, os pais, a mãe que é pai, o amor funesto, a pulsão de morte... Entretanto, o que mais nos chama a atenção no romance de Helder Macedo do

ponto de vista da reflexão específica da história, e das ciências humanas em geral, está diretamente inscrito no seu, por assim dizer, método de escrever o livro 'Tão longo amor tão curta a vida'.

Desta vez, Victor Marques da Costa não foi a casa de Helder Macedo para mais um *think thank* sobre a situação política internacional, apesar de terem começado a enveredar por aí. Neste caso, sua intenção era contar-lhe seus mais íntimos sentimentos, ponto absolutamente fora da curva em sua relação com o escrito português, mas não em busca algum tipo de conselho amoroso. Ao contar a história de sua relação com Lenia Nachtigal, o diplomata português estava atrás do romancista que descrevia destinos inconclusivos para seus personagens.

Victor alegara estar em perigo por conta de um estranho seqüestro que havia sofrido horas antes. Ao invés de levá-lo ao aeroporto, o taxista que o buscara no hotel seguiu caminho na direção de um prédio em frente ao Museu Freud. Lá, deparou-se com a misteriosa mulher que lhe falou em português ao ouvido na platéia do teatro londrino. E ao que parece, lá também estava o homem que pediu a Victor para trocar de cadeiras no teatro. Ao final da peça, teve a impressão de que ambos foram embora no mesmo carro. Quem eram? Lenia e Otto? Mas como seria Lenia aquela amante submissa às suas vontades? Ainda que o tempo e a busca incessante pela (ausência da) amada tenham feito com que a lembrança de sua face e de seu perfume tenham ficado nebulosos na memória de Victor Marques da Costa, como poderia não reconhecê-la?

Contando esta história tortuosa e com a manga da blusa suja de sangue, Marques da Costa varou a madrugada até o limite do sono de Helder Macedo. Na manhã seguinte, Victor se foi, não sem deixar algumas questões:

“Mas você melhor do que ninguém entende como estas coisas acontecem. Também nos seus livros muitas vezes as pessoas não são quem são. Ou são quem não podem ser. Mas você acha que pode recordar o que não nos aconteceu? (...) Entender o que não aconteceu. Como não aconteceu. Porque é que não aconteceu. E depois recordar como se tivesse acontecido”.

Buscando recontar uma história que sequer viveu, que não saberíamos mesmo se alguém a viveu, Helder Macedo complexifica a trama que Marques da Costa lhe trouxe conferindo vida a uma nova Lenia, *duplicando* também a figura paterna de Otto em Almir Benamor. Junto de Lenia Nachtigal, teriam vivido um relacionamento triangular, onde a identificação homônima teria estreitado a relação de Lenia Benamor com seu pai e aberto para este a possibilidade de transfigurar seus desejos incestuosos por ela. Os desgastes e os *desacontecimentos* do relacionamento entre Lenia, Almir e Lenia, além do próprio envelhecimento de Almir, teriam levado Lenia Nachtigal, a autoritária e disciplinada filha da Stasi, a se transmutar para uma figura absolutamente passiva que, por gratidão ou pena ou outro motivo, entregava-se completamente aos desejos de Almir Benamor.

“Tornamo-nos tão amigos quanto é possível ser a partir de certa idade. E tinha lido alguns dos meus livros, o que sempre afaga o narcisismo. A dizer que gostava dos meus romances inconclusivos. Não me pareceu grande recomendação, mas ele explicou. Era como se as vidas dos personagens continuassem depois de o livro acabar. Ou como se pudessem começar. Considerava que essa era a função dos escritores. Libertar as personagens. Propiciar-lhes futuros. Dar-lhes o livre-arbítrio que não tem.”

Eram estes os próprios elogios e afagos que Victor Marques da Costa fizera a Helder Macedo para convencê-lo a escrever as memórias de uma vida que nenhum dos dois viveu. Mas não se agradou com o resultado. Sobretudo com a insinuação de que, depois de encontrar Lenia e Otto no Hotel em frente ao Museu Freud, os havia matado – tese reforçada pelo relato do segurança do Museu sobre a chegada da polícia e da ambulância ao local. Eis que o personagem não aceitou o final do livro para o qual se encaminhava o livro. Nem mesmo o conjunto da trama, a nova Lenia, um muçulmano terrorista e filho do amor que o seqüestrou e muito menos a perda de voz da Lenia Nachtigal.

O personagem afirma-se, então, e categoricamente, como autor do livro que Helder Macedo escrevia. Helder é, desde o início, um estranho personagem-autor, ainda que seu nome conste apenas na capa do livro. A literatura nos serve aqui para combater a tradição teleológica aberta já por Aristóteles, onde a finalidade é o princípio causal de todas as coisas, onde a polis precede a família e a família precede o homem. A finalidade moral kantiana e o

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

estado como fim último da dialética do espírito da história revelam que a visão finalista da história persistiu até o pensamento dos clássicos basilares da filosofia moderna. O mecanicismo e o darwinismo são exemplos evidentes da forte presença da teleologia na nossa maneira de ver o mundo. Mas não só. Até mesmo o pensamento marxista mais vulgar está embebido de visões fatalistas e fechadas sobre os rumos da história. Para pensarmos em termos de história, o que Helder e Victor podem nos ensinar nesta obra é que, mesmo a memória não vivida, apenas contada, produz efeitos objetivos; que somos, a um só tempo, autores e personagens da história, e que as conclusões sobre o que de fato ocorreu no passado não são exatamente o principal problema da história:

“O problema da História é que se fica sempre sem saber se *delende Cartago* continuar a ter acontecido no passado ou se vai continuar a acontecer no futuro. O problema da História é a latência, portanto, o que fica no permeio entre o que foi e o que poderá ser.”

Referências

- GINZBURG, Carlo (2014). ***Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política.*** São Paulo: Cia das Letras.
- MACEDO, Helder (2013). ***Tão longo amor tão curta a vida.*** Rio de Janeiro: Rocco.